

higienização das mãos, promovendo a sensibilização para os protocolos de biossegurança e prevenção de infecções institucionais. **Material e métodos:** Foi desenvolvido um programa de treinamento teórico-prático entre os dias 8 e 12 de abril de 2024, com carga horária de 10h, dividido em cinco módulos. A atividade ocorreu durante o horário de expediente e contou com a participação voluntária de 32 profissionais. A coleta de dados foi realizada por meio de checklist adaptado do *Manual de Segurança do Paciente em Serviços de Saúde: Higienização das Mãos*, da Anvisa. As informações foram analisadas de forma descritiva, categorizando a formação profissional e o grau de adesão às práticas orientadas. Dos 32 participantes, 75% (n=24) pertenciam ao sexo feminino e 25% (n=8) ao sexo masculino. A formação acadêmica foi variada: três enfermeiros (9,3%), dois farmacêuticos (6,2%), seis técnicos de enfermagem (18,7%), cinco assistentes administrativos (15,6%), um assistente social, uma psicóloga, um fisioterapeuta, dois dentistas (totalizando 12,4%), e 11 estagiários (34,3%). O treinamento evidenciou que a maioria dos profissionais da assistência direta à saúde já havia recebido informações prévias sobre segurança do paciente, ao passo que colaboradores administrativos relataram contato pontual com o tema. Observou-se discordância quanto à regularidade da prática de lavagem das mãos, sendo a utilização de luvas por alguns erroneamente considerada substitutiva à higienização. Houve, contudo, adesão significativa ao treinamento e reconhecimento da importância do protocolo. A análise do checklist pós-intervenção revelou maior aderência aos cinco momentos da higienização preconizados pela OMS. **Discussão e conclusão:** A ação educativa promoveu não apenas atualização teórica, mas também reconfiguração das condutas cotidianas, com impacto direto na redução do risco de transmissão cruzada nos serviços. A ação educativa promoveu não apenas atualização teórica, mas também reconfiguração das condutas cotidianas, com impacto direto na redução do risco de transmissão cruzada nos serviços. A interdisciplinaridade dos participantes permitiu maior disseminação dos conhecimentos, enquanto a ênfase prática nos procedimentos reforçou a internalização dos comportamentos esperados. Diante dos resultados observados, recomenda-se a implementação sistemática de capacitações regulares, associadas a estratégias contínuas de monitoramento, avaliação e reforço educativo, garantindo, assim, a sustentabilidade das mudanças comportamentais e a proteção integral de pacientes, trabalhadores e do ambiente assistencial.

Referências:

Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). *Manual de Segurança do Paciente em Serviços de Saúde: Higienização das Mãos*. Brasília: Anvisa; 2022.

World Health Organization (WHO). *WHO Guidelines on Hand Hygiene in Health Care*. Geneva: WHO; 2023.

Oliveira FT, et al. Práticas de biossegurança e adesão à higiene das mãos em unidades hospitalares. *Rev Bras Enferm*. 2024;77:e20230987.

ID - 773

NÍVEL DE CONHECIMENTO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM SOBRE PRÁTICAS SEGURAS EM TRANSFUSÃO SANGUÍNEA: ESTUDO EM HOSPITAL PRIVADO DE NITERÓI - RJ

JDS Ponciano

Grupo GSH, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Introdução: A transfusão de hemocomponentes, embora amplamente utilizada, envolve riscos que exigem estrita observância aos protocolos de segurança. Profissionais de enfermagem desempenham papel central nesse processo, sendo responsáveis por etapas críticas, como identificação do receptor, preparo do ambiente e monitoramento de reações adversas. Estudos sobre segurança transfusional na rede privada de Niterói são escassos, o que reforça a relevância desta investigação para subsidiar práticas mais seguras e qualificadas. **Objetivos:** Analisar o grau de conhecimento da equipe de enfermagem sobre práticas seguras em transfusão sanguínea em uma unidade hospitalar privada de Niterói-RJ. **Material e métodos:** Estudo quantitativo, descritivo e transversal, realizado entre abril e junho de 2025, com 40 profissionais de enfermagem dos setores de internação e emergência. A coleta ocorreu por meio de questionário estruturado com questões sobre identificação do receptor, instalação de hemocomponentes, condutas frente a reações transfusionais e cumprimento de protocolos institucionais. Os dados foram analisados em frequência e percentual. **Resultados:** Dos participantes, 70,8% eram técnicos de enfermagem e 29,2% enfermeiros. A maioria (89,6%) reconheceu a importância da conferência dos dados do paciente antes da transfusão, porém apenas 62,5% identificaram corretamente todas as etapas exigidas pelo protocolo vigente. Embora 43% tenham vivenciado reações transfusionais, somente 54,1% descreveram adequadamente as condutas a serem adotadas. Além disso, 30% relataram não ter participado de capacitações sobre transfusão nos últimos 12 meses. **Discussão:** Os achados revelam lacunas importantes no conhecimento da equipe, especialmente quanto ao manejo de intercorrências e ao cumprimento integral de protocolos. A ausência de treinamentos regulares e de simulações práticas pode contribuir para a insegurança na prática transfusional. A originalidade do estudo está em evidenciar essas deficiências em um contexto ainda pouco explorado a rede privada de Niterói oferecendo subsídios para melhoria da segurança do paciente. **Conclusão:** Constata-se a necessidade de fortalecer as ações de educação permanente em hemoterapia, por meio de treinamentos periódicos, simulações realísticas e atualizações técnicas. A implementação dessas medidas pode reduzir riscos, aprimorar a assistência e contribuir para um serviço transfusional mais seguro e alinhado às melhores práticas.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.105235>

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.105234>